

Opini. Brasil

Quinta-feira, 15-7-93

O vil mental

José Nêumanne

Fala-se muito, aqui no Brasil, em ir para o Primeiro Mundo. Fernando Collor largou o governo do pequeno e pobre Estado nordestino de Alagoas e atingiu o topo do poder na República vendendo a ilusão de um bom ingresso para o universo dos ricos e bem nutridos.

O jornalista Walter Fontoura já exorcizou essa ambição em artigo certo, no qual condenou a aparente mania de grandeza, na verdade um véu retórico, com que se tenta encobrir um evidente complexo de inferioridade. O Brasil nunca vai ser como o Japão, porque aqui vivem brasileiros, não japoneses. Nem como a França, pela sensível ausência de franceses em nossas plagas.

O publicitário Sérgio Reis, mais do que profissional de marketing um indignado cidadão brasileiro, não precisou ler o artigo de Walter para concordar. Ele acha que nossos modelos, os paradigmas da sociedade brasileira, têm de estar mais próximos de nós em poder aquisitivo e, também, em temperamento. A prosperidade italiana é mais exequível em nossos tristes trópicos do que o milagre da disciplina implantada pelos chineses em Singapura.

Ambos têm razão. Este modesto escriba pede licença para introduzir sua colherada de argumentos nessa sopa imaginária. O Brasil jamais vai ter acesso ao mundo privilegiado dos países ricos, pelo menos enquanto mantiver o sistema político excludente, no qual muito poucos mandam, porque podem, e a quase totalidade nem sempre obedece, até porque raramente tem juízo.

Ou seja, dificilmente a sociedade brasileira conhecerá padrões de qualidade de vida comparáveis aos vividos hoje no Japão, nos Estados Unidos e na Europa Ocidental, porque quem decide, a chamada elite dirigente, já dispõe de um padrão de vida muito acima do que pode ser definido como confortável. E, para gozar desse padrão, a elite brasileira não precisa sequer recorrer ao método prosaico de desfalcar o próprio saldo bancário. No Brasil, como bem lembrou o antropólogo Roberto DaMatta em ensaio sobre a cultura da inflação, dinheiro não vale muito, porque dele pouco precisa quem dispõe de outros tipos de moedas, o favorecimento, a consideração e o empenho, plenos substitutos do adequadamente definido como "vil metal".

Qualquer brasileiro provido de poder, seja político, seja econômico, seja social, tem o Primeiro Mundo às suas mãos, sem precisar visar o passaporte. O problema passa a ser mais o "vil mental" do que, propriamente, o dinheiro sujo, que os pobres usam para comprar o pão, o feijão, às vezes, mas nunca as forças ocultas. Se o doutor é cardíaco, pode recorrer aos serviços profissionais dos mais capacitados cirurgiões do coração do mundo, no Incor. Se madame precisa de uma correção estética, não precisa tomar um avião para merecer os cuidados de um entre os dez melhores cirurgiões plásticos do mundo. Protegido por guardas

armados até os dentes, vidros à prova de bala e atentos guardadores de carro, o Primeiro Mundo também mora ali na esquina, no Morumbi ou no Leblon, em Santa Felicidade ou Boa Viagem.

A inflação não preocupa os habitantes desse planeta à parte no Brasil, por lhe interessar mais a política financeira de Bill Clinton: afinal de contas, a moeda da elite brasileira é o dólar. A desvalorização dos imóveis no Morumbi não atinge, por estar investido na Flórida. O problema do desemprego pode franzir um pouco seu cenho. O desemprego, para ser mais explícito, do trabalhador inglês.

É possível argumentar que tal situação é profundamente artificial. Se valer a ênfase do parádoxo. De fato, a realidade da grande maioria da população brasileira, hoje como ontem, mas mais hoje do que ontem, é que ela morre nos corredores dos hospitais públicos sem equipamentos, quando consegue sobreviver às intempéries da desnutrição. E só vai à escola para comer a merenda, quando há merenda. Mas a verdade nua e crua é que a natureza superficial da nata social que cobre o leite espesso da miséria brasileira não altera, fundamentalmente, a situação em nada.

Nem todos os cidadãos europeus são capazes de sustentar um padrão de vida semelhante ao do morador do Itaim Bibi. Vergonhosa é a situação do favelado do Itaim Paulista, que não consegue fazer três refeições, mesmo modestas, por dia e já hipotecou seu futuro, não lhe restando sequer o direito de sonhar. O primeiro goza dos direitos civilizados da democracia, escolhendo seus representantes. O segundo vende o voto por uma camiseta ou uma talgada de aguardente. Ambos são brasileiros por uma contingência geográfica. Na verdade, um é astronauta, atirado ao espaço pelas vantagens de nossa exclusivista cultura de castas, que cultiva a inflação. O outro, apenas um nativo amordaçado.

A mordaça, que segura o grito do nativo, é tecida por um sistema eleitoral iníquo e malandro, do qual o morador no Itaim Bibi se aproveita para calar a boca do infeliz do Itaim Paulista. Pois a perversidade do sistema político brasileiro é sua automática capacidade de reprodução. Se os desvalidos do Itaim Paulista se reúnem e elegem um representante no núcleo de decisões da República, a primeira providência do representante é mudar para os Jardins, como já observou muito bem um operário gráfico da periferia de São Paulo, entrevistado pelo já citado antropólogo Roberto DaMatta, que acaba de lançar o livro *Conta de Mentiroso*.

É impossível saber quando essa mamata vai acabar. Mas é possível afirmar que ela só vai acabar no dia em que esse sistema eleitoral, no qual a representação é uma farsa, for substituído por outro, capaz de dar voz e voto a todos quantos não apenas não têm seu endereço num Primeiro Mundo **privé** como nem mesmo sabem onde fica esse clube fechado.